

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Arqueologia
Curso de Bacharelado em Antropologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**Corpos que se Vestem, Corpos que contam Histórias:
Narrativas sobre escravidão através do olhar de Pretas Velhas e
Pretos Velhos em Pelotas-RS**

Simone Fernandes Mathias

Pelotas, 2017

Simone Fernandes Mathias

**Corpos que se Vestem, Corpos que contam Histórias:
Narrativas sobre escravidão através do olhar de Pretas Velhas e
Pretos Velhos em Pelotas-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Antropologia da
Universidade Federal de Pelotas, Linha de
Formação Antropologia Social e Cultural,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Profa Dra. Louise Prado Alfonso

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M431c Mathias, Simone Fernandes

Corpos que se vestem, corpos que contam histórias :
narrativas sobre escravidão através do olhar de Pretas
Velhas e Pretos Velhos em Pelotas-RS / Simone Fernandes
Mathias ; Louise Prado Alfonso, orientadora. — Pelotas,
2017.

58 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Antropologia - Antropologia Social e Cultural ou
Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Pretos Velhos e Pretas Velhas. 2. Escravidão. 3.
Umbanda. 4. Narrativas. 5. Pelotas. I. Alfonso, Louise
Prado, orient. II. Título.

CDD : 306.6

MATHIAS, Simone Fernandes. **Corpos que se vestem, Corpos que contam Histórias:** Narrativas sobre escravidão através do olhar de Pretas Velhas e Pretos Velhos em Pelotas-RS. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Data da Defesa:13|03|2018

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Louise Prado Alfonso

Prof^a. Dr^a. Flávia Maria Silva Rieth

Prof. Dr. Rogério Réus Gonçalves da Rosa

Às Mulheres de minha vida, aquelas que por aqui estão comigo e para as que vivem em outro plano.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível somente com a participação de muitas mãos e presenças, humanas e não humanas, que contribuíram de forma significativa para sua conclusão.

Aos meus entes queridos, pelos exemplos de coragem, de sabedoria e de persistência; desbravaram caminhos difíceis para que hoje pudéssemos seguir suas pegadas.

Aos meus pais, Francisco de Paula (*in memoriam*) e Miriam Helen, que me deram a oportunidade dessa reencarnação. Imensamente grata, Mãe e pai. Obrigada por sempre acreditarem em mim.

A minha avó Ivaema (*in memoriam*), pelos exemplos deixados, e por ser minha fortaleza sempre que preciso. Continuo sentindo teu cheiro toda vez que vejo os olhos e penso em ti.

A Açucena e André Luís, meus filhos amados e muito mais que isso: meus amigos e companheiros de trajetória. Passamos por muitas coisas juntos, que nos fortaleceram e criaram nossas bases. Nossos laços vêm de muito tempo, podem ter a certeza que fiz tudo pensando em acertar, pois ser mãe é um aprendizado constante. Em algumas situações, também, fui filha.

A minha neta Lívia, pretinha da vovó, minha vida virou um arco-íris com sua chegada. Tenho absoluta certeza que o amor pode se multiplicar. Lucas, meu genro, sabes que és um filho para mim. Nunca te esqueças que prometeste cuidar de minhas "Dandaras".

Meus irmãos Ricardo, Rafael, Otávio, Leonardo e as manas Patrícia e Tamires, pelos momentos de risos, cumplicidades, companheirismo e aprendizado nas trajetórias da vida. Aos meus sobrinhos amados, quero que saibam que serei sempre a "Tia Si".

Aos meus familiares, vocês não tem noção da contribuição dada, através de mensagens, abraços, apoio e carinho constante. Em especial a minha Tia-avó Inês, nosso docinho, que assumiu o papel de mãe, avó, bisa e tataravó dessa família. Obrigada pelas rezas e teu grande amor.

Ao Nick, Denguinho e Timo meus filhos de quatro patas, por estarem junto a mim enquanto esse trabalho era escrito, a companhia foi ótima. Valeu pela paciência por todas vezes que li e reli para vocês, sei que as saídas de passeio ficaram escassas, mas foi por um ótimo motivo.

Aos queridos amigos que me acompanham bem antes da universidade. Dona Eva, por sua amizade e respeito. Jurema, que se tornou minha mãe. Cauã, meu filho do coração. Seu Bruno ,pelas conversas de incentivo. Margarida e Dona Regina, pelos laços amizade para toda vida. Amilton, pelos conselhos. E André, pela força dispensada em todos momentos quando precisei.

Ao Guilherme Rodrigues, pela caminhada nesses quatro anos de curso, pela parceria do RU e viagens imaginárias pelos campos da Antropologia e do nosso futuro. Obrigado pela paciência e carinho dispensados a mim.

A Juliana Nunes (Flor Ariza para muitos), Ju para mim, que esteve ao meu lado em todo processo dessa escrita, pelas nossas longas conversas, leituras de poesias, compartilhamentos de sonhos e aprendizados. Amie, é possível sim tocar nas estrelas, basta querer.

Ao Vagner Barreto pelas conversas animadas regadas com café, pela sua "doação de conhecimento" e companheirismo, muito obrigada.

Ao Daniel Vaz, por me instigar a pensar e refletir constantemente, pelas caminhadas pela propriedade, onde percebi um rural mágico. Assim pude recarregar as baterias e me energizar meu lado bruxa.

Ao querido Albio Ferreira da Costa, pela generosidade. Lhe agradeço o incentivo pelas vezes que pensei em desistir e sempre me dizias: "Sempre se dá um jeito!". E, realmente, deu.

Airton, pelas conversas profundas sobre religião e obrigado pelo apelido carinhoso. Luiz Junior, que chamo carinhosamente de 'Lui" pela energia de nossas risadas. July, meu bem, obrigada por me tratar com tanto carinho. Marthinha, continue sempre com esse brilho no olhar. Futuros Antropólogos do meu coração, nossos caminhos não se cruzaram por acaso. Também a Marta Bonow e Maysa Luana Silva, pelo apoio e companheirismo nos projeto do GEEUR.

Aos inúmeros amigos que fiz pelo caminho, muitos adotei como "filhos", quero que saibam que dessa vida quase nada se leva... mas um sorriso e uma boa conversa sincera são imprescindíveis na bagagem.

Professoras e professores, técnicos e técnicas e demais funcionários do Departamento Antropologia e Arqueologia e Instituto de Ciências Humanas, meu agradecimento pela oportunidade de aprender com vocês. Ficarão como marcadores em minha vida. Em especial, a Prof^a. Cláudia Turra Magni, por me encorajar a escrever no meu jeito poético.

Meus interlocutores, minhas palavras são poucas para expressar o que sinto. Obrigado por essa experiência de vida, tenha absoluta certeza, levarei sempre comigo.

A minha banca, Prof^a. Flávia Rieth e Prof. Rogério Rosa, pelo aceite do convite, quero lhes dizer que vocês têm uma enorme contribuição neste processo de formação.

Minha orientadora Prof^a. Louise Alfonso, sabemos da importância que tens em minha trajetória, me mostrando sempre que posso voar mais alto, pelas oportunidades que aprendi. Cresci muito participando dos projetos de extensão,

trabalhando com a comunidade, me colocando no lugar do outro constantemente. Obrigada por acreditar em mim, nos meus sonhos... estamos juntas no Mestrado!

As Pretas Velhas e Pretos Velhos, esse foi muito mais que um trabalho de conclusão de curso, foi agradecimento de cura de saúde, mas também de alma. E a certeza que sempre tiveram em total sintonia comigo, entendi ao fim desse trabalho que o que queriam me mostrar, na sabedoria de vocês me conectei. Agora me encontrei.

E os tambores continuarão tocando.

Axé!

PONTO DE PRETO VELHO

*No tempo da escravidão
Muito negro trabalhou
Não tinha onde rezar
E rezava na bandeira do senhor
Quando chegava a tardinha
Negro pegava o tambor
E ia para sua senzala
Saravá, Pai Ogum
Saravá, Pai Xangô
Não chore no cativeiro
No cativeiro não debes chorar
Quando chegava a tardinha
Negro pegava o tambor
E ia para sua senzala
Saravá, Pai Ogum
Saravá, Pai Xangô*

RESUMO

O presente trabalho conta a história das mulheres e homens negros, na cidade de Pelotas, seus desdobramentos entre o passado e o presente, mostrando as permanências históricas, trazendo esse olhar através de narrativas das entidades da Umbanda de Pretas velhas e Pretos Velhos.

Palavras-chave: Pretos Velhos e Pretas Velhas; Escravidão; Umbanda; Narrativas; Pelotas.

RESUMEN

La presente investigación cuenta la historia de las mujeres y hombres negros, en la ciudad de Pelotas, su transitividad entre pasado y presente, que muestra las permanencias históricas, trayendo una mirada a través de las narrativas de las entidades de la Umbanda de las Pretas Viejas y Pretos Viejos.

Palabras-clave: Pretas Viejas y Pretos Viejos; Esclavitud; Narrativas; Umbanda; Pelotas.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 - INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 - NEGROS NO ESPAÇO CHARQUEADOR PELOTENSE: ENTRE PASSADO E O PRESENTE..... | 20 |
| 3 - A RELIGIOSIDADE NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL | 27 |
| 4 - CAMINHOS..... | 33 |
| 4.1 - Casa da Mãe Oxum e Cacarandi..... | 33 |
| 4.2 - A Benzedeira Vó Maria..... | 37 |
| 5 - NARRATIVAS: PRETAS E PRETOS FALANDO SOBRE VIDAS | 41 |
| 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 51 |
| 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS..... | 54 |

1 - INTRODUÇÃO

Em meados de 2009, recebo o convite de um amigo para participar de uma gira de Preto Velho. O terreiro localiza-se no bairro Fragata, na cidade de Pelotas. Esse amigo trabalha com a entidade Pai Joaquim, por graças alcançadas de algumas pessoas, Pai Joaquim recebeu muitos doces e um frango assado com farofa, uma de suas comidas preferidas. Comecei a observar Pai Joaquim e a cada um que passava por sua assistência, ele oferecia um pequeno pedaço, tanto de doce como salgado, da comida que tinha recebido. Quando chegou a minha vez, ele explicou que na época da escravidão passou por muita fome e privações. Hoje, quando vem trabalhar, o preto velho reparte em várias partes pequenas, mas iguais, para nunca falte a ninguém. Diário de Campo, maio de 2009.

Nesse maio de 2009, percebi a partir das lembranças do Pai Joaquim a importância do repartir, do dividir em pequenas partes as porções de comida e de vida com cada pessoa que passa por nós. Aprendi também, a relevância de, a partir do passado, refletir sobre o presente, proposta destes nossos antepassados, que nos ensinam com seus cantos e rezas a enxergar a vida com mais humanidade e sabedoria.

Narrativas como essa podem ser ouvidas na cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, conhecida também como a Princesa do Sul e Cidade do Doce. Em Pelotas, podem ser encontradas centenas de casas de religiões de matriz africana, muitas destas desenvolvem trabalhos com às/os Pretas/os Velhas/os. Neste trabalho, serão observadas questões relacionadas às pretas e aos pretos velhos, à oralidade, ao *benzimento*, às histórias sobre o passado negro e à forma como estas se articulam com as narrativas sobre o passado de Pelotas.

A construção dessa pesquisa está atravessada pela minha vivência, enquanto mulher e negra, nascida na cidade de Pelotas. Bem como, com narrativas, experiências e memórias que cruzaram meu caminho e têm como marco a minha entrada no Bacharelado em Antropologia, no ano de 2014. O acesso ao curso me aproximou de minhas raízes e me fez pensar sobre minha responsabilidade enquanto negra e aluna. Também me ensinou a importância de se trabalhar com questões relacionadas à questão negra, reforçando e dando visibilidade à temática no âmbito acadêmico.

Quanto ao tema religião, a minha relação com a Umbanda e o Kardecismo são heranças de meus familiares, dessa mistura formei minhas bases, crenças, verdades e quem eu sou. Minha bisavó paterna se chamava Candoca. Essa negra e benzedeira, filha de escravos, faleceu aos 104 anos, em setembro de 1986, analfabeta de pai e mãe, como ela dizia. Cresci vendo a movimentação de sua rotina, nos fundos da casa de seu filho mais velho. E entre flores e folhas de arruda, guiné, alecrim, alfazema, levante, palminha, espada de São Jorge, dentre tantas outras que haviam no seu quintal, foi sendo tirado de mim o mau olhado, a dor de dente, a inveja, o quebranto, as pragas e tudo se curava com suas rezas.

Passei a infância e o começo da adolescência sendo "limpa" e protegida por seres que não enxergava, mas podia senti-los. Cuspei a entender o porquê daquelas pessoas bem vestidas e de carro visitarem tanto sua casa humilde. Não lembro dela cobrando nada, mas a presenteavam com flores, velas e doces, pois ela adorava rapadura de amendoim e arroz doce.

O abraço apertado que ela ganhava no portão era forte. Ficava constrangida quando beijavam suas mãos enrugadas de muito trabalho para criar os cinco filhos. Segundo ela, recebeu o dom desde mocinha e dizia que alguma mulher da família também ganharia, pois em cada geração, uma das mulheres de nossa família, receberia esse dom feito uma herança.

Quando eu retornava da escola, passava para pedir bênção à minha bisavó. Voltava para casa benzida, com uma folhinha de arruda atrás da orelha como proteção, confiante que nada me aconteceria. Esse ritual se repetiu por muitos anos.

Hoje posso dizer que as sementes ficaram bem guardadas. O tempo passa e percorremos outros caminhos, encontramos outras perspectivas de vida, mas as palavras são como raízes de uma figueira e não se sabe aonde vão parar. Assim, que compreendo e me insiro culturalmente em uma Tradição que passa pela oralidade.

Acredito que as coisas se constroem juntas e se interligam por fios invisíveis, nem sabemos por onde se iniciam, o campo nos encontra e isso é um fato certo. Por uma questão delicada de saúde e por decisões muito pessoais, resolvi passar por cirurgias astrais. Esse processo teve início em 2013, ainda estava em “tratamento” quando entro para o curso de Antropologia em 2014.

Em situações difíceis, nos aproximamos de algo maior e nesse processo vou confessar que concordo fielmente em um ditado antigo que diz "ou se vem pelo amor ou pela dor...". Nessa busca, recordo das sábias palavras da minha bisavó Candoca e fui atrás de contatos, entrando em uma rede pessoas que buscavam ajuda e cura.

Através de indicações, recados, agendamentos, cheguei a várias terreiras, conheci muitas benzedadeiras, permaneço ainda em contato próximo com dois lugares que considero sagrados, uma terreira e a casa de uma benzedeira, por conexão e respeito. Passei por muitos passes e tratamentos nestas várias casas, tratamentos dos mais diversos, como sessões de Reiki, inclusive, mais tarde, fiz um curso básico sobre o assunto para tentar compreender melhor a inserção do Reiki naquela terreira de Umbanda. Segundo as diferentes lideranças que conheci, era necessário antes de tudo curar a alma, e que isso viria a partir de processo de muita paciência e reflexão constante.

Nessas horas, em tratamento sério de saúde, percebi que nem tudo é tão importante como conhecer realmente a nós mesmos e de como os minutos passam a ter outro significado. Foram meses de experiências de vida, respeito, fé e muito aprendizado com os pais e mães velhas. Por meio de sua fala singela e metafórica, elas/es me mostraram valores de vida que foram muito importantes para minha recuperação. A linguagem delas/es me consolou ao sincronizar simplicidade com acolhimento.

As narrativas de Pretas e Pretos Velhos contam histórias de luta, busca pela liberdade, persistência, coragem, contadas como por aqueles que há muito tempo já aprenderam com as mazelas da vida. A partir de falas de conforto e esperança, que podem ser entendidas como um “serviço de educação social” para muitas pessoas que passam por situações difíceis em suas vidas.

Apesar da simplicidade da linguagem, as narrativas apresentam profundidade em sua abordagem. Em muitos sentidos, podemos dizer que esses entes, cumprem um papel semelhante à orientadoras/es, psicólogas/os, médicas/os, conselheiras/os, amigas/os, pais, mães e avós, não apenas para seguidores da Umbanda. Nessas redes de cura que vivenciei, conheci muitas pessoas de outras religiões, que recorriam a Umbanda em muitos momentos de suas vidas. Cabe destacar que é uma característica do Brasil, muito presente em Pelotas, pessoas transitarem entre diferentes religiões, especialmente quando se encontram sofrendo por problemas graves de saúde.

Algumas pessoas da rede que mencionei anteriormente, passaram a ser umbandistas, outras continuaram frequentando a Igreja Católica, também existem aquelas que se declaram “ser um pouco de tudo”, cada uma com suas convicções, determinações e, principalmente, muita fé. Nessas caminhadas e cruzamentos fiz amigas/os para a vida, independente de crenças, mas, sim, valores. Batalha essa que muitos saíram vitoriosos, como eu. Nessa experiência, descobri que nosso maior inimigo pode ser nós mesmos.

Com o passar do tempo, essa caminhada criou algumas reflexões dentro de mim e uma forma de gratidão e aprofundamento, na medida que um olhar um pouco mais distanciado era transformá-lo em meu trabalho final de graduação. Dentro da área da Antropologia, pude ampliar meu campo e busquei através das disciplinas, grupos de estudos, saídas de campo e etnografias realizar esse trabalho.

Acredito que um trabalho nunca é feito sozinho, esse tem várias mãos e pensamentos de tantas pessoas. Tenho a certeza que presenças humanas e não humanas estiveram nesse processo junto a mim, também estou ciente do

compromisso que assumi perante as/os Pretas/os Velhas/os de contar essas narrativas e trazer suas falas para dentro da academia.

E, nessas andanças, de quatro anos pelo Bacharelado em Antropologia, questões relacionadas às comunidades negras de Pelotas, do passado e do presente, passaram a guiar minhas reflexões e atuações. Estive ligada à diferentes projetos de extensão que contribuíram para minha reflexão sobre a negra e o negro em Pelotas ao longo do tempo, favorecendo também que eu pudesse (re)pensar, a partir de outros parâmetros, as experiências de vida que trazia com as entidades.

Um dos projetos que me ajudaram a pensar o tema foi “O trabalho Doméstico Entre o Passado e Presente”, que em seus anos de existência teve como objetivos a efetivação de ações participativas com trabalhadoras domésticas de Pelotas, buscando aprofundar e entender as relações de afeto e direitos que permeiam a profissão, pois a ama de leite negra de ontem foi substituída pela babá, mas, também, pela cuidadora, faxineira, empregada doméstica, a gari. Ao mesmo tempo, o projeto almejou dar visibilidade às narrativas destas mulheres e minimizar os estigmas dessa profissão, que ainda trazem as mazelas da escravidão. O projeto contribuiu para eu pensar sobre como essas estruturas sociais do passado ainda teimam em se manter erguidas. Sabemos que a maioria dessas mulheres, trabalhadoras, é negra e, mesmo estando no século XXI, as estruturas se reconfiguram e se mantêm. As sinto de diversas maneiras em meu cotidiano, enquanto mulher negra.

O projeto “Terra de Santo: Patrimonialização de Terreira em Pelotas” visou a patrimonialização da Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá, instituição de religião de matriz afro-brasileira. A participação na elaboração de um dossiê, permitiu observar as relações que se dão nesse espaço religioso, atentar para a presença e agência de humanos e não-humanos nesta casa, aprofundando meus olhares sobre a materialidade.

Tem-se, como um traço principal das religiões de matriz afro, a centralidade da oralidade na transmissão do conhecimento. Dessa forma, é possível pensar em resistência na religião de matriz africana contando, através de narrativas orais, seus

fundamentos milenares. Apesar de todo processo de intolerância religiosa ao qual estamos vivendo e dos processos históricos de branqueamento e invisibilidade das comunidades negras, as casas religiosas continuam existindo. Este projeto contribuiu muito para guiar um olhar mais acadêmico para minhas experiências pessoais com o tema. Este foi um dos grandes desafios para mim nesta pesquisa, conseguir um afastamento necessário para se trabalhar uma temática tão próxima, observando o familiar, como Velho (1987).

Compreender a presença negra em Pelotas é um dos principais objetivos do projeto “Narrativas Coletivas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas (os) em Formação”. A formalização de uma proposta de dossiê de patrimonialização, pedido esse feito pela comunidade local, nos possibilitou a realização de etnografias com narrativas da comunidade. Buscamos compreender as formas de territorialidade dessas pessoas, seus processos históricos, como se dão as relações com o governo e órgãos públicos, evidenciando grupos marginalizados, incentivando reflexões sobre a apropriação de elementos patrimoniais do passado negro e seus usos no presente. Dentre esses elementos, destaco aqui as figueiras centenárias, reconhecida como locais de deposição de oferendas feitas pelas casas de religião de matriz afro da região. Também, o caminho das tropas e o próprio Passo, enquanto antigo porto de chegada das pessoas escravizadas.

Dessa forma, introduzo aqui elementos que me direcionaram para a elaboração desse trabalho. Os três projetos de extensão estão interligados na questão negra, na relação entre falas e vivências do passado no presente e oralidades.

Posso afirmar que minha entrada na Universidade Pública e a participação nesses grupos de extensão proporcionaram uma reconstrução de pensamentos, mas, também, mudanças, dúvidas e muitos questionamentos, os quais me levaram para reflexões intensas. Dessa maneira, pude sentir literalmente e materialmente o que é se colocar no lugar do outro, um dos requisitos essenciais para quem pretende ser Antropóloga/o.

Entendo a universidade, ainda, enquanto um espaço muito exclusivo. Assim, a árdua luta de permanecer num espaço que é seu por direito, mesmo sentindo-se excluída diariamente, trazendo a questão do negro para dentro da Universidade me fez compreender a importância de minhas experiências e vivências enquanto estudante de Antropologia, trabalhadora doméstica e mulher negra dentro dos espaços pelos quais trânsito.

Assim, nesse capítulo introdutório, busquei apresentar algumas das questões que conduzem esta pesquisa, bem como aquilo que me trouxe até o tema.

No capítulo 2, busco debater sobre os aspectos históricos a respeito da formação da região de Pelotas, com atenção para o período saladeril e a importância das charqueadas na constituição da região.

No capítulo 3, busco situar alguns dos debates sobre a formação das religiões de matriz afro-brasileira, levando em consideração o contexto do Rio Grande do Sul e as suas especificidades.

No capítulo 4, apresento minhas interlocutoras e meus interlocutores. Bem como, caminhos que percorri para chegar até elas/es.

No quinto capítulo, busco refletir sobre as narrativas de Pretas e Pretos Velhos, marcando em suas falas elementos como sofrimento, escravidão, lutas, resistências, amor, perdão, caridade, relação brancas/os e negras/os e temporalidades.

2- NEGROS NO ESPAÇO CHARQUEADOR PELOTENSE: ENTRE PASSADO E O PRESENTE

Contar um pouco sobre a trajetória dos negros na cidade de Pelotas é refletir sobre a contribuição de mulheres e homens que trabalharam sob o regime da escravidão, em charqueadas, mas, também, em olarias, fazendas e no centro urbano, em condições insalubres e desumanas. Para muitos, o trabalho nas charqueadas pelotenses representava um castigo, para onde eram enviados aqueles que cometiam delitos, infrações ou desobedeciam. (AL-ALAM, 2007)

Para compreender essa trajetória até os dias atuais, aqui pensando nas permanências históricas estruturais da sociedade gaúcha e brasileira, será necessária uma incursão sobre o cotidiano na indústria saladeril, bem como atuação desses trabalhadores nos meios urbano e rural.

A história da ascensão econômica de Pelotas está diretamente relacionada à indústria saladeril, com a constituição de várias charqueadas na beira do Canal São Gonçalo e Arroio Pelotas, para onde era levado o gado a fim de se proceder a salga da carne e, a seguir, sua exportação. Tal empreendimento, tornou-se a principal atividade comercial da região, tornando a localidade importante nacional e internacionalmente.

A riqueza econômica da população, possibilitou que muitos estrangeiros circulassem pela região, trazendo transformações culturais, arquitetônicas e tecnológicas, artísticas, de costumes, e possibilitando que muitos filhos e filhas de estancieiros tivessem acesso a bens culturais e ao estudo em outros países do exterior.

Entretanto, até a confirmação de um território forte e estruturado física e economicamente, levaram-se um bom par de anos, por conta das disputas territoriais ocorridas na região, entre as grandes potências ibéricas: Espanha e Portugal. Desde o Tratado de Tordesilhas (divisão do globo terrestre entre Espanha

e Portugal) até Santo Idelfonso¹ (o qual regulamenta a ocupação portuguesa na região de estudo), as guerras por conquistas territoriais e o estabelecimento de fronteiras, foram intensas.

Nesta seara, encontra-se o espaço em que dá origem a atual cidade de Pelotas, tendo sido ocupado pela coroa portuguesa a partir do Tratado de Santo Idelfonso, em 1777, o qual permite a concessão das primeiras sesmarias (RODRIGUES, 2015, p.78).

Antes do acordo oficial, que permite a regulamentação territorial, já haviam inúmeros estabelecimentos na terra em disputa; muitos militares ocuparam a região e formaram as primeiras estâncias de criação de gado, nesse momento a importância era dada à criação e fixação de animais, que posteriormente tornou-se “matéria-prima” primordial para a feitura do charque e outros derivados. (GUTIERREZ, 2011).

A expulsão dos padres jesuítas do território português, fez os rebanhos de gado missioneiro procriar de forma abundante, visto as boas condições de pastagem e aguada disponível no território pampa. Tal disponibilidade de animais, atraiu toda uma gama de moradores, que, progressivamente, passaram a se instalar na região, formando, posteriormente, estâncias voltadas para a pecuária extensiva. (MAESTRI, 2008).

Com a fixação oficial do território e a instalação das sesmarias, a terra passou, também, a ser comercializada, nesse contexto de formação e ocupação, segundo Gutierrez (2011), a sesmaria de Monte Bonito é de fundamental importância no que diz respeito à quantidade de charqueadas instaladas nessa região.

Esses estabelecimentos saladeris, segundo Rodrigues, foram fixados “às margens do Arroio Pelotas e, também, na Banda Oriental do Uruguai, com suas localizações derivadas do acordo de Santo Idelfonso” (Gutierrez *apud* Rodrigues, 2015, p.78). As charqueadas serviam de polos industriais, em sistema de *plantations*, onde o gado era abatido e a carne salgada em longas tiras de madeiras

¹ Existiram outros tratados firmados pelas potências mencionadas, porém para o caso em questão, interessa-nos especialmente o Tratado de Santo Idelfonso, firmado em 1777.

para a produção de charque (carne salgada, desdobrada em mantas finas postas ao vento para secagem) e outros derivados, especialmente o couro, mas também a extração de: sebo, graxa, chifres e cinzas dos ossos, posteriormente exportados para as mais variadas regiões.

O “charque de vento”, segundo Rodrigues (2015), era produzido artesanalmente “e mais comumente usados para o consumo interno das propriedades antes de 1779 ou 1780, pois não havia outra forma de conservação das carnes que não seriam consumidas imediatamente”. (idem, 2015, p.80)

Com a chegada de José Pinto Martins à região pelotense, dá-se início fase de produção industrial da carne salgada, tornando-se posteriormente, na principal atividade econômica e exportadora do espaço sulino. Esses estabelecimentos, de acordo com Gutierrez, foram instalados próximos à água, com intuito de despejar os dejetos descartados, escoar a produção, importar sal e escravos. Além disso:

Constituíam-se em faixas de terras subdivididas em poteiros, hortas, pomares de espinhos, olarias e o terreno ribeirinho. A casa, os varais de secagem e os galpões de produção, dos sebos e dos couros ficavam junto às águas. Essas indústrias funcionavam às margens dos arroios que banham o município. (RODRIGUES, 2015, p. 80)

Observa-se que a grande produção charqueadora da região tinha como elemento fundamental, a presença da mão de obra escravizada, sem a qual não se poderia ter havido a enorme produção exportadora de carne salgada da região.

Esses homens e mulheres negros, com as mais variadas funções e especializações, passaram por grandes dificuldades em nosso território, pois além da jornada de trabalho desgastante, especialmente para aqueles que trabalhavam diretamente com o sal e o abate do gado, eram submetidos às altas e baixas temperaturas, muitas vezes chegando a zero graus, bem como a umidade do ar, como aponta Gutierrez em seu livro *Negros, Charqueadas e Olarias* (2011).

A historiografia oficial, na sua vertente mais tradicional, amenizou o regime escravocrata sulino, tratando-o por brando, chegando à amabilidade entre senhores

e escravos. Além disso, ao pensarmos o montante da produção historiográfica, notamos que poucos estudos são dedicados à escravidão, visto a complexidade e o desconhecimento sobre o tema, “além dessa invisibilidade, traziam a ideia de uma harmonia quase total entre negros e brancos, o que seria um diferencial entre o tratamento dado aos escravos neste Estado” (RODRIGUES, 2015, p. 69).

Essa visão sobre a escravidão no Rio Grande do Sul trouxe consigo o mito de um Estado branco e harmonioso, ou melhor, como se referiu Escobar, de um local que vivia sob o manto de uma “democracia pastoril” (Escobar, 2010, p. 48). Tal percepção foi ratificada pelos relatos dos viajantes, especialmente Saint-Hilaire, em sua passagem pelo Estado em 1820, muito embora aparecesse, vez que outra, uma descrição real dos maus tratos sofridos pelos escravos, a tônica era abrandar as relações entre negros e brancos.

No entanto, sabemos das condições vividas pelos escravos nas charqueadas, da subjugação a grandes horas diárias de trabalho (chegando a 16 horas com pequenas pausas), as feridas causadas pelo sal, as baixas temperaturas, como explicitado anteriormente, também levando em consideração, o componente psicológico:

As condições de vida dos trabalhadores das charqueadas eram terríveis, de pés descalços, na beira dos arroios, com pouca ou quase nenhuma roupa, com a umidade do ar chegando a 90%, com o sal provocando feridas em todo o corpo, muitos acabavam não chegando à expectativa média de vida que era de 5 a 7 anos de trabalho efetivo. (ESCOBAR, 2010, p. 50).

Pensando na atualidade, essas mulheres e homens negros, seguem um processo de subjugação e preconceito racial, resquícios do tempo escravocrata e da “hiperespecialização do trabalho” e da destruição física, moral e psíquica (ESCOBAR, 2010).

Esta subordinação material do outro implica a destruição do seu corpo societário, portanto, do seu ser social, e é a premissa da incorporação do outro enquanto subordinado à cultura dominante, ou seja, o

início de sua destruição psíquica e enquanto corpo físico. (DOMINGUES *apud* ESCOBAR, 2010, p. 49).

Com relação ao trabalho exercido pelas mulheres negras, em sua maioria trabalhavam nos serviços domésticos, exercendo as seguintes atividades: cozinheira, passadeira, lavadeira, costureira e ama de leite. Além dessas funções, muitas eram alugadas como “escravas de ganho”, para a venda de doces em tabuleiros no perímetro urbano e amas de leite. (RODRIGUES, 2015).

Os homens negros escravizados, também possuíam, como ressaltado anteriormente, diversas especializações laborais, não somente dentro das charqueadas, conforme Gutierrez (2010), mas, igualmente, nas cidades e no meio rural, dentre as quais podemos destacar: lavrar a terra, plantio e pecuária, no período entre safra, trabalhar nas olarias, bem como, sapateiros e carpinteiros:

Rural e urbano se confundem e os escravos que não estão operando diretamente em serviços especializados na indústria *saladeril* em períodos de safra podem em diversas atividades laborais domésticas ou externas em ambos os espaços. Essas atividades ultrapassam, portanto, o ambiente charqueador, impulsionando o escravo para as regiões urbanas, tanto na entressafra, quanto nos períodos de declínio da indústria (RODRIGUES, 2015, p.85).

É inegável a violência empreendida contra negros e negras escravizados, porém, houve resistência ao regime escravista, sejam fugas ou formações de quilombos, até suicídio, criminalidade e atos de violência, assim como a prática da religiosidade de matriz africana, chamadas de “fugas para dentro” de acordo com Mello (Mello *apud* Rodrigues, 2015, p. 88).

Não podemos deixar de fora desse contexto escravista o território denominado Passo dos Negros, importante local de fluxo e afluente de pessoas, animais e produtos. Esse espaço foi a porta de entrada que proporcionou o crescimento financeiro pelotense, a elevação do requinte e opulência da cidade e a construção dos casarões na região do atual Centro Histórico:

No Passo dos Negros é marcante a exclusão da memória e da história da escravidão, bem como da funcionalidade daquele espaço como entreposto comercial e fiscal no passado, que reflete, inclusive, em um processo de abandono da localidade pela ausência do atendimento dos serviços de infraestrutura urbana no presente. (ALFONSO, RIETH, 2016, p. 2).

Ainda hoje, na cidade de Pelotas são comuns as narrativas da pujança do passado, essa pode ser vista nos casarões do centro da cidade, cultura narrada por uma parcela pequena da população. Pelos trajetos, completamos processos de desigualdades na forma de exclusão da presença negra, onde se encoberta gênero, etnia, classe social. Dessa maneira, criam-se processos de apagamentos, de silenciamento, de esquecimento social, onde a história do outro é encoberta. Porém, por meio das narrativas desses indivíduos, é possível refletir sobre a heterogeneidade que compõe o campo, mostrando as formas de habitar, os processos de patrimonialização, e práticas de oralidades.

São nas forças que geram os interesses e nos conflitos que podem opô-los uns aos outros e nos jogos variados de proposição, imposição ou negociação que encontramos as chaves pelas quais certos atributos geométricos e físico-químicos (os únicos imanentes) das coisas permitem sua mobilização a serviço do sentido. Sem as práticas sociais, não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais. (MENESES *apud* ALFONSO, RIETH, 2016, p. 2).

A história do Passo dos Negros pode ser contada pelo Engenho Pedro Osório, que faz ligação com as Charqueadas trazendo a lembrança da riqueza do lugar; pelo Osório Futebol Clube, cujo nome é homenagem ao coronel, o clube exerce um fator social nessa localidade, mobilizando a juventude do local, por meio do esporte; pela Ponte de Dois Arcos, feita pela mão de obra escrava, localizada no antigo corredor das tropas, ainda hoje reconhecida como marcador de memória negra; assim como pela presença das Figueiras da Noiva e da Figueira da Ponte, árvores centenárias, que trazem a simbologia dos Baobás da África e marcam

lugares de sacralidade, pois são grande importância para as religiões de matriz africana, ainda hoje recebem oferendas.

(....) Em sociedades de culturas míticas, também chamadas sem-histórias, que não conhecem a escrita, o tempo é circular e acredita-se que a vida é uma eterna repetição do que já aconteceu num passado remoto narrado pelo mito. (PRANDI, 2005, p.19).

Pode-se dizer que o Passo dos Negros continua fazendo a ligação entre o passado e presente de Pelotas, aproximando essas narrativas pela oralidade, trazendo a presença negra nas falas de resistência. Observar as construções, e as suas mudanças no tempo e no espaço, abre possibilidade para perceber ângulos que permanecem no imaginário, memórias coletivas que nos auxiliam a entender espaços e a contar histórias de memórias coletivas. Sobre lugares diferentes, mas iguais.

3- A RELIGIOSIDADE NEGRA NO RIO GRANDE DO SUL

“Quem tem fé nas almas não tem medo de assombração

Eu tenho as almas no peito e os pretos no coração.”

Ditado popular

As primeiras notícias sobre as manifestações religiosas chegam com os negros e negras escravizados no Rio Grande do Sul. Datam por volta do século XIX, precisamente em Pelotas e Rio Grande, cidades que receberam um grande contingente de escravos. O período inicial do Batuque nesta região, situa-se entre os anos de 1833 a 1859 (ORO, 2002).

Para o antropólogo, o Batuque surge através de diversas religiões afro-brasileiras, tendo sido criado e adaptado pelos negros no tempo da escravidão, em práticas trazidas de diversas regiões da África. Devido a tentativas de impor o paradigma cristão, nascem formas de negociação e mediação, no qual a figura de alguns Orixás passa a integrar e se confundem com a cosmologia de alguns santos católicos, mostrando desde já a resistência e a criatividade negra.

Segundo Ari Oro (2002), a cidade de Rio Grande, por volta de 1926, recebeu o primeiro terreiro de Umbanda, sendo denominada “Reino de São Jorge”, fundado pelo ferroviário Otacílio Charão. A casa sofreu muitas perseguições, motivo de sua constante mudança de local. Essas práticas de religiosidade eram proibidas e expostas nos jornais da época, como o Jornal do Comércio e Correio Mercantil, este da cidade de Pelotas, assim como o Gazeta Mercantil, da cidade de Rio Grande, sendo seus adeptos acusados de feiticeiros(as). Mello, citado por Oro (2002: 349), traz a seguinte narrativa, no dia 09 de abril de 1878, no Jornal do Comércio:

Foram presas a ordem da delegacia, duas pretas feiticeiras que atraíam grande ajuntamento de seus adeptos. Na ocasião de serem presas, encontrou-se lhes um santo e uma vela, instrumento de seus trabalhos(...)”. (2002: 349)

Percebe-se, dessa maneira, todo um receio com essas religiões, praticadas por descendentes de negros escravizados, associam tais práticas com forças “invisíveis” e ao negativo. Para Oro (2002, p. 350):

Inútil dizer que as perseguições aos terreiros não deixam de expressar um certo medo branco diante do poder de manipulação das forças sobrenaturais por parte dos escravos e seus descendentes. Obviamente que a perseguição era sempre precedida de um conjunto de estigmas lançados sobre essas religiões, visando justificar aquele procedimento.

Segundo Oro (2002, p. 345), as religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul, se apresentam nos estudos em três formas nos estudos realizados sobre a temática, o Batuque, a Umbanda e a Umbanda Cruzada. No Batuque temos a presença de orixás, divididos em nações, sendo estas: Oyó, Ijexá, Jeje, Cabinda, Nagô e Keto. Destaca-se em campo, também, terreiros de Umbanda Cruzada, com surgimento por volta de 1960, sendo associada a uma religião prática, pragmática, de serviço.

Na Umbanda, no Rio Grande do Sul, cultuam-se “pretos velhos” e “caboclos”. Com o tempo, foram abrangendo outras linhas, como os “Ibejis” (que seriam as crianças) e a linha do Oriente, quase em extinção, “segundo alguns umbandistas essas entidades são classificadas como bondosas, evoluídas e repassam energias puras” (ORO, 2002, p. 357).

As pretas velhas e pretos velhos são vinculados ao universo religioso brasileiro, sendo que são pertencentes ao panteão umbandista. Nesse processo encontramos um culto organizado, onde o domínio religioso e o social demonstram essa importância. São considerados espíritos que viveram no passado, dotados de grandes poderes de vidência, de telepatia e de dons de cura, pois acredita-se que essas entidades retornam à terra com a permissão de Deus, para ajudar as pessoas através de seus poderes. (CASCUDO, 1988, p.101).

Segundo Santos (2010, p. 126), a herança banto, juntamente com o espiritismo e a influência católica, vincularam-se na religião umbandista, dessa maneira os ancestrais dos indígenas manifestam-se enquanto caboclos, assim como as/os negras/os escravizadas/os, as/os pretas/os velhas/os, são representados como ancestrais daqueles que formam a nação. Trabalham com a cura, onde utilizam-se de rezas, benzeduras, simpatias, limpezas e banhos de descarga.

Na cosmologia umbandista, os Pretos Velhos, representam os espíritos dos velhos africanos e dos ex-escravos que trabalharam e viveram no Brasil, constituem uma das categorias espirituais do seu panteão, com perfil e caracteres bem definido. São identificados como espíritos que trabalham na linha da direita, ou seja, trabalham para o bem, prestam auxílio aos necessitados, praticam a caridade, através da palavra ou de serviços mágico-religioso. A eles são atribuídas as seguintes qualidades: paciência, resignação, bondade, tolerância e humildade. (SANTOS, 2010, p.127).

Conforme Santos (2010), para os umbandistas, essas entidades são verdadeiros mestres da magia, classificados como: Curandeiras(os), aqueles que realizam curas materiais e espirituais; Mandingueiras(os), aqueles que desfazem trabalhos de feitiçarias, abrindo caminhos; e, pelo lado da Quimbanda, Feiticeiras(os), aqueles que realizam trabalhos relacionados ao mal. Suas palavras e conselhos não decorrem dos saberes instituídos pela ciência, mas reconhecidos por sua moral e conhecimento, pois muitas vezes, não recebem tanto destaque por serem escravos analfabetos.

As Pretas Velhas simbolizam a mãe preta, pois nas casas grandes, amamentavam os filhos dos senhores. Por questões de idade, na velhice, zelavam pelas senzalas. São vistas como bondosas, carinhosas, devotadas, protetoras.

No espaço religioso as pretas velhas reeditam a imagem da mãe pretas dos engenhos, sempre bondosa, carinhosa e devotada, dispensando a todos que a procuram um cuidado maternal. Os serviços prestados quando estavam na terra, como parteiras, amas de leite ou rezadeiras, são agora requisitos para definir os seus atributos e

suas competências dentro da categoria espiritual. (SANTOS, 2010, p,129).

Essas entidades pronunciam uma fala característica, ou seja, resultam da elaboração de combinação de palavras que aproximam dialetos africanos, com o português. Geralmente, cumprimentam os consulentes com as frases “*mi si fio*”, “*mi si fia*”. Tais entidades, costumam ser identificadas como “pai”, “mãe”, “tio”, “tia”, “avô”, “avó”.

Durante as consultas, os consulentes pedem-lhes a bênção e beijam-lhes as mãos; os Pretos Velhos, em retribuição, costumam chamá-los de “zifio” (meu filho), “zifia” (minha filha), ou simplesmente meu neto, minha neta, assumindo posturas que simbolizam a proteção e o aconchego familiar. (SANTOS, 2010, p.130).

A Umbanda é uma religião de matriz africana que envolve o transe mediúnico, sendo esse um processo de estado mental do médium, que oferece passagem para as ações de entidades, nesse transe, o médium obtém também características daquela entidade, como as frequências de voz. A aproximação e a chegada dessas entidades, geram, também, alterações físicas nos corpos que fazem a mediação, que se encurvam, se adaptam e se transformam para receber Pretas e Pretos Velhos.

Muitos médiuns, sentam-se em banquinhos ou no chão; usam cajado e bengalas para se firmarem; fumam cachimbos ou cigarros de palha, pois a fumaça é um importante elemento cosmológico de “limpeza”, servindo como forma de harmonização de energias, retirada de fluidos negativos, na relação com outros elementos da natureza, pois tais entidades trabalham com ervas e chás.

As entidades de Pretas e Pretos Velhos, possuem seus cantos e pontos específicos. Estão, tradicionalmente, associados às segundas-feiras, conhecida na religiosidade popular como “dia das almas”. Essas entidades, vestem-se, em sua maioria, de branco, sendo comuns as Pretas Velhas usarem saias e lenços na

cabeça; já os Pretos Velhos costumam utilizar calças arremangada, quase até o joelho, e chapéus de palha.

A presença do Preto Velho na Umbanda, bem como a sua relação com a herança africana, demanda dois tipos de explicação: uma de natureza religiosa, outra de sócioantropológica, sublinhando-se os momentos de confluência entre ambas. O reconhecimento do Preto Velho como ancestral é uma construção de natureza religiosa, sendo exclusiva desse domínio, e remete à preservação do culto à ancestralidade como instituição religiosa de origem africana em terras brasileiras. (SANTOS, 2010, p.136).

Em conversa com Paulo Brum, Babalorixá que participa do grupo do Projeto de extensão Terra de Santo junto ao GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos), foi possível notar algumas das transformações que a religião de matriz africana passa ao longo do tempo. Conforme relato do Babalorixá: *“Nós somos representantes de nós mesmos, mudamos para nos adequar sem perder o fundamento”*.

Assim, analisar a cidade de Pelotas, por meio da religiosidade afro-brasileira, pode nos ajudar a entender como se dá a cultura negra nesses espaços e, também, como conceitos, pensamentos e conhecimentos permanecem no tempo. Conforme (ORO, 2002), há relatos da passagem do Príncipe Custódio de Almeida pela cidade, herdeiro do trono de Benin na Nigéria, o qual desembarcou no Porto de Rio Grande, em 1899, vindo a falecer em Porto Alegre em 1935, motivado pela invasão de sua terra, em 1897. A passagem do príncipe Custódio por Pelotas foi curta, de 4 de outubro de 1900 até 4 de abril de 1901, até sua transferência para a capital do estado.

Sabemos que o Rio Grande do Sul é um estado com grande número de adeptos às religiões de matriz africana, e a cidade de Pelotas contribui direta e expressivamente com isso. O único problema é a falta de um levantamento completo, pois os dados são sempre vagos quando se trata do número exato das casas dessas religiões .

De uma maneira geral, são extremamente precários os números acerca dos terreiros existentes no Rio Grande do Sul, bem como a incidência de rituais dentro das três modalidades religiosas acima referidas. Seja como for, e para dar ao menos uma idéia de grandeza, sugiro que deva existir hoje cerca de trinta mil terreiros em atuação neste estado, onde, em cerca de 80% deles são celebrados rituais de Linha Cruzada, em 10% somente rituais de Umbanda (caboclos e pretos velhos) e em 10% somente rituais de Batuque (nação). (ORO,2002, p. 358).

O forte comércio em toda cidade de lojas de artigos religiosos é encontrado tanto na área central, como nos bairros. Alguns desses produtos são oriundos de outros países, como a Tchecoslováquia, a África e a Coréia, conforme me relatou o proprietário de uma dessas loja, que se encontra quase em frente ao Mercado Central, conhecida como Flora Mãe Oxum, aberta ao público há trinta e sete anos, em 2017.

Presenciamos com o passar do tempo que as religiões de matriz africana transformam o cotidiano da cidade, sejam em comemoração a entidades umbandistas, como a Festa de Iemanjá, a Festa de Ogum (São Jorge para os católicos), nas manifestações de 20 de Novembro, ressaltando a luta do líder negro, Zumbi dos Palmares, ou, também, nas oferendas depositadas em várias partes da cidade.

Ainda hoje, após o decreto da Constituição Federal Brasileira de 1988, que assegura o direito de liberdade religiosa a qualquer religião ou culto, proíbe em seu Artigo 19, inciso I, que o Estado estabeleça alianças ou relação de dependência com qualquer culto e que embarace o funcionamento de culto de qualquer natureza. Deste modo, com o Artigo 5, inciso VI, prevê direitos e garantias fundamentais, que se consagra a liberdade de crença, a liberdade de culto e de organizações religiosas. Os Artigos 215 e 216 são reconhecimento das manifestações afro-brasileiras pelo Estado, através da constituição de 1988, onde houve intensa

manifestação do movimento negro, o qual exigia do Estado a reparação pelos séculos de escravidão e luta.

O Estatuto da Igualdade Racial, aprovado no ano de 2010, pelo Congresso Nacional, tem como meta dar fim aos indicadores e pensamentos de discriminação, abrindo espaços e defendendo aqueles que sofrem preconceito (discriminação) em função de sua raça, etnia ou cor, formando dessa maneira um conjunto de ações afirmativas, reparatorias e compensatórias que garantam os direitos fundamentais à população afro-brasileira. Direitos esses que garantem o acesso à Universidade Pública.

Esperamos que essas leis construídas sejam cumpridas com seriedade, para que se possa corrigir o “estigma” que marcou todo sistema pedagógico brasileiro, na tentativa de reflexão e de debate social a respeito das relações étnico-raciais e religiosas no Brasil. Dessa maneira, uma luta pelo direito de “existir”, de poder manifestar a religiosidade de matriz africana, que, há muito tempo, vem cultuando as Tradições passadas pela oralidade, no direito de poder viver conforme sua significação, naquilo que cada indivíduo constrói em sua trajetória de vida.

4- CAMINHOS

Para este trabalho procurei exercitar a observação participante e deixei fluir as narrativas em entrevistas conforme meus interlocutores se sentissem a vontade. Não preparei um roteiro, mas conversamos sobre diversas temáticas. As entrevistas aconteceram em diferentes oportunidades. Durante todo o ano de 2017 frequentei os lugares escolhidos e participei como observadora das atividades religiosas das/os interlocutoras/es. A partir desses diálogos, vivenciei experiências que a antropologia nos ajuda a pensar. Neste capítulo, apresento minhas interlocutoras e meus interlocutores.

Saliento que elas/eles são brancos, no Rio Grande do Sul, se vê muito esse fato, demonstrado que a Umbanda não denomina seus trabalhadores pela etnia, segundo ORO, a relatos de mães e pais de santos brancos por volta do século XIX.

Em outras palavras, parece prevalecer no Rio Grande do Sul representação negra segundo a qual é importante a presença de simultânea de brancos e de negros nos terreiros por serem, os primeiros, detentores principalmente de capital econômico e os segundos, principalmente de capital simbólico, religioso, dado pela tradição. Evidentemente que os autores sociais implicados no processo nem sempre possuem esta consciência dos fatos. É mais recorrente neles a afirmação de que “o axé não tem cor” (ORO,2002,p.362).

Trabalhar com médiuns, interlocutoras/es, brancas/os foi uma escolha, pois achei que seria interessante para se entender que narrativas de escravidão seriam passadas pelas Pretas e Pretos velhos com as/os quais trabalham.

4.1- Casa da Mãe Oxum e Cacarandi

Por questões de intolerância religiosa, muitas casas de matriz africana não estão identificadas com placas. Algumas, em situação de quase anonimato, sendo necessário acessar uma rede de contatos para se chegar a esses espaços dentro do urbano. Por razões de preconceitos, muitos centros afro-brasileiros se cadastraram como centros espíritas, fatos ocorridos entre os anos de 1929 e final da década de 1940 (NEGRÃO,1996).

Como já foi relatado, a cidade de Pelotas tem aproximadamente 900 casas de religião afro, de acordo com informações de lideranças umbandistas da cidade, mas, muitas vezes, elas passam despercebidas ao nosso olhar, retirando signos as associam com essa religião, disfarçando-se, no meio de outras casas. Este número circula na informalidade, pois a Prefeitura, não fez um levantamento do registro dessas casas. Mas podemos nos guiar pela cidade, pelos sons dos tambores, características das religiões afro, seus toques são tocados conforme cada entidade que chega nos terreiros.

Em meu trajeto diário por umas das ruas principais no centro da cidade, não imaginava que ali havia um terreiro comandado por Mãe Luide de Oxum, com seus quase 86 anos, na época que a conheci. Mais tarde, devido à problemas de saúde da dirigente, a casa passou aos cuidados de seu filho João Carlos e de sua nora Dóris, ou Mãe Dóris do Bará. O casal trabalha com Pretos Velhos: João Carlos trabalha com Pai Joaquim e Dona Dóris com Tia Maria. Seu João Carlos me disse que sua família é de Kardecistas e Umbandistas. No início não queria ser médium em função do compromisso que a mediunidade impõe, tinha certo preconceito da religião, me relatou que chegava a mudar de calçada quando via umbandistas com suas vestimentas, mas um dia o chamado tocou-lhe o coração e hoje a frente de uma casa de terreiro não se imagina longe dela.

Na mesma casa trabalha Marcos Vinício com Pai João do Congo. A casa teve início em outro endereço também central, mas hoje encontra-se em funcionamento, nesse endereço, a mais de trinta anos.

Cheguei nessa casa por intermédio de amigos que a frequentavam. Eles comentaram dos procedimentos que lá aconteciam, no dia que fui levada ao local por eles, no término, achei o que fui buscar. Ao descer em frente não conseguia identificar, pois não tinha placa com nome, nem sentia cheiro de defumação, sons de tambores. Senti falta de árvores e plantas demarcando o espaço, os quais são marcadores que nos indicam normalmente o caminho dessas casas nas vilas.

A construção, quase de esquina, integra o casario antigo do centro da cidade. Fica do lado direito, em sentido ao centro. Nesse trajeto há um grande fluxo, pois é um corredor de ônibus. Recentemente, a casa foi pintada na cor pêssego e possui duas entradas, sendo uma delas o comércio próprio da família e a outra uma grade de proteção com porta de ferro e vidros fosco, onde se encontra o acesso a terreira.

Posso dizer que é um lugar de fácil acesso para quem vai de carro, de ônibus ou com outra condução. Denominado Centro Espírita de Umbanda Oxum Pandá e Cacarandi, possui atendimentos na linha da Umbanda cruzada, às segundas-feiras, com início a partir das 20h30min. e término em torno das 23h, esses horários se modificam conforme o calendário de comemorações da casa.

Ao entrar nesse espaço, percebe-se que existe um segundo piso, pois possui uma escada que leva ao andar superior. A escada é demarcada por uma grade de ferro, branca. Do lado direito da entrada, um grande vaso de barro, com espadas de São Jorge e uma gravura em papel da entidade Tranca Rua das Almas.

Ao lado, um corredor é formado pela parede e uma estrutura de compensado branco separa o terreiro e o espaço de comércio da família. Na terreira, encontramos fileiras de banco de madeira reservado a assistência pessoas que aguardam o atendimento, no fundo da terreira. Do lado esquerdo, um pequeno banheiro. Nas paredes: imagens dos orixás negros ainda crianças, normas da casa e calendários de festividades.

Ao fundo, outra porta de duas abas, onde fica a cozinha usada para a preparação das comidas oferecidas no terreiro. Nas religiões de matriz africanas, o “alimento” é sagrado, pois cada entidade elege suas comidas específicas. Quando se come, recebe-se o Axé, este tem muitos significados, geralmente, entendido

como uma energia vital, como força, luz, coragem. Ao lado dessa porta uma casinha pequena de Exú, essa pintada de vermelho com imagem de “Tranca Rua”, com oferendas depositadas aos seus pés. Como descreve a antropóloga Marília Floôr Kosby:

Come-se por inteiro, com o corpo, com a ética, com a moral, com todos códigos próprios do grupo e do estudo e do estatuto social que o indivíduo faz parte. É assim, a comida intera-se, estabelece-se nas relações mais profundas entre homem e cultura... Comer, nos terreiros, é estabelecer vínculos e processos de comunicação entre homens, deuses, antepassados e a natureza. (KOSBY, 2006, p. 58).

A divisão entre o Congá e aqueles que esperam atendimento - chamado de assistência - se dá por uma cerca de madeira. No espaço onde ficam os médiuns o chão é feito com tábuas largas. O local é bem iluminado, principalmente ao redor das muitas imagens, de tamanhos diversos, que incluem santos católicos e entidades da Umbanda. Percebi que em algumas casas de matriz africana, as imagens das Pretas e Pretos Velhos ficam ao chão, sendo, por vezes, muito antigas, com a resina descascando. Vejo que algumas dessas imagens são substituídas, não sei se é devido a antiguidade e sabedoria que permanecem assim.

As fichas de atendimento ficam em cima de um suporte, ao lado de um galão de água com copos plásticos. Há, também, um recado colado em um pilar dizendo “*Silêncio também é prece*”. O local é enfeitado com flores naturais e artificiais, as velas pequenas e grandes como a de sete dias sempre estão acesas. Pelas paredes, fotos de Mãe Luide de Oxum, de filhos do terreiro, de festas da casa e símbolos de reiki.

Volto a destacar que esta é uma das características do Rio Grande do Sul, a diversidade de elementos em uma mesma casa religiosa, provenientes de diferentes origens. Nessa casa, se trabalha com a Umbanda cruzada, conforme pude vivenciar durante as festas. O local não é muito espaçoso. Há dias que o movimento é intenso e muitos ficam de pé, em fileira, esperando atendimento.

Em atividades nas quais as entidades do povo cigano participam, uma tenda é montada. Na tenda, estão amarradas diversas fitas coloridas, uma pequena mesa forrada com a bandeira do Brasil, para depósito de um baralho, um leque, uma taça e moedas. Na parede, um pandeiro com fitas coloridas e, ao seu lado, um arco e flecha.

Com os tambores, denominados de atabaques, na casa estes “instrumentos” são grandes e encontram-se enrolados por uma fita larga de papel crepom amarelo, formando um laço. Neste local, há uma fonte de água que transmite uma suave melodia, ouvida antes do início das atividades. Quando é abafada pelos tambores e pelas vozes das pessoas.

As/os médiuns da casa formam um grupo de aproximadamente dez médiuns prontas/os, mas também há aquelas/es em “desenvolvimento”, preparação para de iniciar na religião. Essas pessoas trabalham de branco nas linhas de caboclos e pretos velhos, geralmente com os homens de calça e mulheres de saia, com a camiseta com o nome da casa. Nos trabalhos com ciganas/os, as cores vivas predominam, do verde esmeralda ao amarelo ouro. Na linha do povo da rua ou Exús, as cores vermelho e preto são predominantes.

A casa trabalha com a linha do Oriente, uma vez ao mês, trata-se de uma característica interessante desta casa, pois poucos terreiros trabalham com esta linha, denominada de Povo Hindu, com a liderança de uma entidade que se chama Samir. O atendimento ocorre em um sábado específico, à tarde, a partir das 16h:00. Geralmente, são agendadas quatro pessoas pelo médium. A história do hindu foi me contada por Marcos Vinício, médium que incorpora essa entidade, conforme relato de campo.

Para o interlocutor, esta seria uma terapia feita por uma imposição de mãos, onde se trabalha os pontos dos *chakras*, pontos de energia, levando o paciente a melhoras de saúde, que começam a ser notadas em seu dia a dia, como diminuição do estresse, eliminação de dores, melhora na digestão como outros benefícios.

Trouxe aqui através desses relatos um leque de diversidade ao qual encontramos dentro desse terreiro.

4.2 - A Benzedeira Vó Maria

Além da casa acima descrita, também é interlocutora desta pesquisa e participa da construção dessa narrativa Alda Maria, ou, Vó Maria, como gosta de ser chamada. Vó Maria é uma mulher branca, franzina, com a saúde muito delicada, pois passou por uma cirurgia no coração. Esse fato deu-se em 2013, um ano antes de conhecê-la.

Mora em uma região afastada do centro, para chegar em seu endereço é preciso usar duas conduções para ir e duas para voltar, o que faz com que o trajeto dure aproximadamente uma hora até sua casa. A casa fica na periferia do bairro Areal, lugar onde ainda estão de pé algumas charqueadas. Quando desço na parada do ônibus, tenho que percorrer ainda mais dez minutos a pé até lá. Nos dias de calor, devido ao fato da rua não ser asfaltada, o calor levanta uma poeira fina e, nos dias chuvosos, torna-se quase impossível visitá-la devido a lama que se concentra no local. No entorno existe um grande campo onde sempre tem cavalos pastando, pois alguns de seus vizinhos tem charretes em frente às suas casas.

A casa é pequena, de alvenaria, com leve reboco pelas paredes externas. Vó Maria mora com um de seus filhos, cadeirante. Geralmente, espera no portão de grade, junto com seu cachorro vira-lata da cor negra, chamado carinhosamente de Bebê.

Cheguei às suas mãos por meio de amigos que me indicaram. Foi uma grande conexão, desde primeira vista. Ela contou que recebeu o dom da mediunidade desde mocinha e como foi difícil a aceitação da família, quando foi trabalhar cedo num terreiro. A primeira entidade que “chegou” nela foi o preto velho Pai Pedro. Ela contou que ele “tem as chaves do céu, por isso pode abrir e fechar portas”. Essa entidade está junto a ela desde que tinha 8 anos de idade. Desde então, trabalhou por muitos locais na cidade, benzendo. Hoje, aos 78 anos, já está afastada dos terreiros, em função da saúde, mas continua benzendo quem chega à sua porta pedindo ajuda. Segundo Vó Maria, em função de sua saúde, Pai Pedro

não incorpora nela, mas fica bem próximo; desce em situações extremas, pois entende que o corpo físico da médium já está cansado.

As ervas e chás utilizados pela médium estão plantados ao redor da casa, em vasos, ou espalhadas pelo chão de seu pátio. Ela cuida com atenção, retirando as ervas daninhas que teimam em nascer no meio de suas folhagens. Em um primeiro momento, quando começou a me atender, Vó Maria disse olhando nos meus olhos que o resultado de cura que eu buscava para a saúde ia depender totalmente de mim, ou seja da minha certeza de fé. Com galhos verdes de arruda e levante foi “trabalhando” em mim, falando palavras repetidas. Às vezes, eu compreendia. Outras não. Saíam em forma de sussurro, o sinal da cruz foi feito várias vezes.

Nessa busca, por saber mais sobre o dom da benzedura, venho, frequentemente, conversando com os pais e mães velhas. Nesse processo, também sou afetada (FAVRET-SAADA, 2005), pois é inegável meu envolvimento junto ao campo. Surgem, dessa maneira, relações de afeto que vão além da empatia, no compartilhar as experiências junto aos interlocutores, sendo também objeto dessa pesquisa.

Fui em sua casa muitas vezes, onde passei pelo mesmo procedimento por um determinado tempo. Firmamos uma amizade desde essa época e continuo frequentando sua casa, onde conversamos debaixo da sombra de uma árvore. Vó Maria, conta suas histórias de vida, as muitas dificuldades, suas andanças por esse mundo de Deus, pelas casas de matriz africana, por onde atendeu muita gente; crianças que chegaram ao seu portão desenganadas pelos médicos da “terra!”, as graças que muitas pessoas alcançaram pela ação do Preto Velho.

A médium sempre afirma que se não fosse pela entidade, nada poderia fazer, pois é o seu Preto Velho quem faz o trabalho, ou seja, o mérito é todo dele. De sua satisfação de poder ajudar e fazer o bem sem olhar a quem, me disse que estamos unidas muito mais que laços de família, mas sim de almas que se conectam pelos laços de amor.

A compreensão popular da doença - que alia concepções tradicionais sobre a disfunção orgânicas e seus remédios às reinterpretações simplificadas da linguagem e recursos da Medicina oficial - se

constitui num universo particular de saberes que muitas vezes escapa e se contrapõe as regras que determinam a interpretação médico científica (MONTEIRO, 1985, p.98).

Ressalto que, devido ao filho da interlocutora ser de outra religião, várias vezes presenciei divergências entre eles. Mas, conforme o campo se desenrolava, o filho foi entendendo o trabalho. Numa certa ocasião, me disse que não gostava que “a mãe mexesse com essas coisas”, mas que a via feliz em “poder ajudar os outros”. Assim, me dei conta, que minha aceitação em campo dependia das relações pessoais que se desenvolviam ao longo do caminho, às vezes, muito mais do que as explicações da pesquisa (FOOTE-WHYTE, 1980).

5 - NARRATIVAS: PRETAS E PRETOS FALANDO SOBRE VIDAS

Falar de Pretas e Pretas Velhos, nos remete a uma sabedoria antiga, a simplicidade desses “pretos véios (as)”, para a Umbanda, é demonstrada por meio de seus gestos e atitudes. São conhecidos por serem calmos em suas palavras, mas firmes. Sua popularidade dentro do terreiro é expressiva nos dias de atendimento para pedidos de saúde, proteção, conselhos.

O Brasil é um país de muita miscigenação e diversidade religiosa, um “caldeirão cultural”. Nesse processo histórico, temos muitos aspectos, tanto do catolicismo, quanto de religiões de matriz africana, cultura indígena e do Kardecismo, que incorporam o universo de fazeres e saberes da benzedura. A benzedura, normalmente, está dentro dos terreiros de Umbanda, na maioria das vezes, vinculada às pretas e pretos velhos.

A benzedura tem seu início com mulheres conhecedoras das ervas, rituais e rezas de cura e encantamentos. Na história do Brasil, bem como da Europa, vimos que por saberem cuidar de seu próprio corpo, eram associadas ao sobrenatural, ao “demônio” e, por todo esse contexto, eram submetidas a castigos e levadas à morte, algumas vezes (PRIORE, 2012, p. 78-79).

Em minhas conversas com vó Maria, ela relatou que não existe a idade certa de começar a benzer, uns começam muito cedo e outros mais tarde, mas o principal de tudo é ter “vocação”, uma dádiva. Benzer é uma troca que envolve dar, receber e retribuir. Quando uma pessoa chega para ser “limpa”, a benzedeira(o) est a compartilhando seus poderes sagrados, bem como seus saberes, a “cura” se d a a partir do momento que se busca ajuda e se acredita no poder dessas pessoas (MAUSS, 2003, p. 63-65).

  um dom ganho e simbolizado como um grande presente, pois não se pode negar. Conforme as/os interlocutoras/es da pesquisa, esse dom   passado por Deus a quem tem merecimento. A pessoa precisa ter bons sentimentos, muita f e e

vocação para a tarefa. Ou seja, essas práticas, muitas vezes, são hereditárias e recebidas no caminhar da vida, como é o caso de Vó Maria. O ensinamento é passado de geração para geração pela "oralidade e gestualidade" para "outra pessoa do meio familiar" (BORCHARDT; COLVERO, 2013: 5). A relação oralidade, ensino e família encontrada na benzedura, também é vista nas religiões afro-brasileiras que:

são de tradição oral, assim, todo o conhecimento transmitido é de pai/mãe espiritual para filho espiritual, no decorrer das vivências e contato constante com a vida de santo e de sua comunidade (DA CUNHA JORGE, 2013: 131).

Assim, se aprende com pais e mães de santo e com as entidades que se apresentam nos trabalhos. Em conversas ao longo do campo, meus interlocutores me relataram que aprendem com as trajetórias de vida das entidades negras da Umbanda, cada médium tem uma aproximação com sua entidade. A história negra é contada pelas Pretas e Pretos dentro dos centros. Eles afirmam que é com estas entidades que aprenderam sobre escravidão e preconceito. Segundo sr. João Carlos, não tem como ser racista e trabalhar com a linha de pretas e pretos velhos pois seria hipocrisia.

Para este texto considerei importante ressaltar alguns elementos que apareceram nas falas das entidades e médiuns que entrevistei, sendo estes: narrativas de sacrifício e crueldade da escravidão; resistência e luta; caridade, missão, merecimento e superação; relação entre brancos e negros, entre passado e presente e reencarnação.

Todas/os as/os Pretas e Pretos velhos iniciam suas narrativas a partir de suas experiências de vida, contando sobre o passado enquanto pessoas escravizadas.

Pai Joaquim de Aruanda, através do médium João Carlos, relata que "foi escravo, nego fujão e foi muito torturado, muito judiado (pausa)". Relata que sofreu muito ao lado de Pai José e veio a falecer após ser torturado, foi jogado em uma "vala sem oração e sem luz". Uma época de muita dor. Ressalto que durante todo o relato Pai Joaquim chorou muito. Pai João do Congo, incorporado em Marcos

Vinício, destacou falas de dor, dizia que seu "lombo ficou todo marcado, botei muito sangue, fugia e apanhava". Tia Maria, junto à Dóris, começa falando da trajetória de vinda África na barriga da mãe grávida e depois relata o abuso sofrido ainda na infância. Coisas "daquela época tão triste e tão amarga":

Fui crescendo, era muito sapeca, muito alegre, uma criança que encantava as sinhazinhas, mas era os olhos das petas, das petas mãe quando ficavam moças bonitas, e os sinhozinhos já tavam de olho(pausa)mas não adiantava, eles quando viam que podiam pegar, pegavam(silencio).

Ela ainda ressalta que:

...Se fizesse direito o peto também apanhava no Pelourinho e ficava lá exposto todo sujo de sangue ou se ficava na roça com as mãos pisadas, viradas em feridas de tanto ser judiado (pausa). (Tia Maria)

Vó Maria narra que, cada vez que relembra da história de vida de Pai Pedro, chora muito. Na relação entre eles, a médium branca parece sentir em sua alma o sofrimento passado pela entidade.

Os relatos de sofrimento são acompanhados por narrativas de lutas e resistências. Pai Joaquim de Aruanda, conta sua história de luta de sobrevivência, sua resistência contra os castigos sofridos, relatou sua morte junto a um amigo escravo:

é uma história de luta pela liberdade, nunca desistiu, sempre teve em mente que todos eram iguais, só era diferente o saber, mas todos eram humanos, todos provinham de Deus, todos eram capazes de raciocinar, amar, criar, procriar.

Em muitos trechos de sua fala ressalta a ânsia por liberdade:

Nóis éramos acorrentados, nós éramos jogados na laje fria da senzala. Por isso nego não se conformava e fugia, fugia pra mata, pra ser livre,

pra andar com os pássaros, andar com os animais que viviam na mata, viviam em harmonia (pausa)

Tia Maria também fala de liberdade, de lutas e fugas:

o sinhozinho não tinha dívida só lucro, quem tinha prejuízo era os petos aqui (batia no peito), peto é que levava na cara, e ficava sem comida, ficava sem explicação do que faze, então peto só rezava, rezava pra todos os orixás praque não sabia a zi quem mais pedi (pausa), zi então achava mio pedir pra todos (orixás) praque todos estavam unidos, e se pedia a eles mais um dia, e que desse fosa e coragem praque a liberdade estava muito longe. E aqueles que conseguia fugir fia, ou morria ou ia pro pelourinho apanha bastante até a morte (pausa).

Ela ressalta que a religiosidade era uma forma de luta e resistência, uma forma de sobreviver. E é essa religiosidade que traz a noção de perdão, caridade, paciência, amor ao próximo, que pautam as narrativas do presente destas entidades na Umbanda.

Pai Joaquim de Aruanda discorre sobre seu atual trabalho no terreiro:

Tudo na vida é feito com saquifició, com energia que precisa pra vencer a vida, pelos obstáculos e nego ta sempe ajudando, protegendo, amparando(pausa) sempe intuindo as coisa boas, pra nun errarem, pra num saírem dos caminhus du bem, num sairem du caminho do trilho do amor, du caminho da compreensão. A sabedoria é divina, é du gandi pai que nos ensina a perdoar, amar, a desculpar(pausa) e ajuda o próximo com humildade, com paciência, com calma, tolerância e espera que o irmão venha até a casa pra pedi auxilio, pedi ajuda(pausa) então si

nego pode ajudar, pode conselhar, pode ajudar essas pessoas necessitadas.

Ele continua sua narrativa sobre o perdão destacando:

Nego agradece a fiá praque nego nunca falo da dor que sentia na senzala(pausa)do que passo, mas hoje sou livre, hoje tenho a uma condição muito melhor(pausa)e tudo que a gente adquiri graças a nossa fé, nosso amor, carinho e a nossa dedicação as coisas boas que ajudam os outros e nunca, nunca nego levantou a mão ou desejou o mal dos seus malfeitores (pausa) nego sempre orava pra eles para de bate no nego(pausa)e perdoava eles pela ignorância deles, de trata o nego tipo bicho, então é isso si fiá e isso meu fió, e isso que nego passou na senzala. Mas hoje são dias de glória, dias de energias que movem montanhas, dias de energia que todos vem procurar, graças ao grande pai e grande mãe, o petó pode ajudar”

É interessante destacar que no presente, quando fala do trabalho na Umbanda, destaca a liberdade a partir do amor e da caridade, muitas vezes relacionados ao merecimento. Segundo Tia Maria:

Fia dentro do merecimento, dentro do nosso conhecimento e da permissão do gandi pai, as vezes as condições, mas não da noite pra o dia fia,as coisa e muito devagar, os fios tem que fazer pra merecer

Pai João do Congo liga o merecer à cura:

Oh, petó não cuia, para cuiar tem que te merecimento, mas o petó tem que aliviar a dor da alma, isso petó faz, e ze por isso que aqui o petó chega. E quando esse aparelho chega ze acá pra Umbanda foi a oportunidade ze acá de volta pa perto dele de novo, quem

comanda o petó é Oxalá, o petó tem essa missão assim de fazer a caridade sempre, ajudar sempre, porque é necessário, quanto mais o petó ajuda, mais luz, não importa, ajudar o petó ganha, ze isso é importante

Outro elemento mencionado na nesta narrativa e que cabe aqui destacar é a forma como as entidades ressaltam a relação entre bancos e negros em diferentes temporalidades

Hoje nego perdoou, hoje nego vem fazer a caridade para banco, hoje nego vem fazer a caridade para alemão, porque não tem mais sentimento de tristeza e de remorso e ódio (Pai Joaquim de Aruanda)

Ele segue dizendo que: Hoje já estão melhores, já estão junto de nois trabalhando em prol da gandi Umbanda, da gandi nação espiritual (pausa). A umbanda seria então um lugar de aproximação e de relação entre brancos e negros de diferentes temporalidades.

Já Tia Maria faz uma crítica à religiosidade do branco no passado:

Oia fia tem fios que na época se confessavam de tais coisas que faziam, coisas só tem solução dessa pra outra, aqui nego sofia na mão do senhor, pra os negos os bancos não tem religião, fé, não tinham nada.

Segue falando sobre que a igreja

" foi boa para ajudar os fios, mas cada um no seu tempo, na sua hora, no seu dia, no seu ano. Só o gandi pai pode julgar, só ele pode dizer ze fio ta errado, tu fez sofrer, tu fez sofrimento e ai começa a conversa e o esclarecimento".

Ainda destacando a relação entre negros e brancos, faz-se relevante destacar que Pai João do Congo trouxe em uma de nossas conversas um relato sobre sua ligação com o médium, fala sobre a oportunidade de praticar caridade hoje junto ao Marcos Vinício:

Fui vivendo, sofrendo e apanhando, só que teve um dia que o peto salvou um picuruxo, assim duma cobra e o dono deu assim, por pena, deixou peto não tabaiar, mas o peto ficava na volta, cuidando as crianças, o peto tinha sido um letrado, contava histórias, muito assim contou história até pra esse aqui (seu médium), que era um dos filhos do sinhozinho, quando peto teve a graça de subir, o peto teve outra missão, que era tabaiar para o bem dos outros, trabalho aliviando as dores, o peto não cuia, pra cuia tem que ter merecimento, mas o peto tem que aliviar a dor da alma, isso o peto faz e por isso que nego chega.

Cabe aqui compreender que caridade na Umbanda é dupla:

tanto dos “médiuns” que se propõem a atuar como “aparelhos para os espíritos”, fornecendo assim um corpo para que as atuações no plano físico por parte destes possam ser mais contundentes e eficazes, anulando (os “médiuns”) sua personalidade para que outros seres se manifestem, o que está implícito no uso da palavra aparelho. Quanto na descida dos espíritos de seus “lugares de luz e harmonia” para trabalhar em meio ao caos terreno como missionários, cumpridores de uma missão (ambos os termos usados com muita frequência dentro da Barquinha) como enviados de Jesus Cristo. Unem-se desta forma planos distintos de ser, o espiritual e o terrestre (MERCANTE, 2002: 13).

A caridade assim, configura-se como um elemento marcante da ligação entre o passado e o presente. O passado e o presente também se vinculam pela reencarnação.

“A muitos zanado, tempo atrás assim, noutra vida esse petó foi nobre, letrado, rico, eu tinha muito icravos, mandava e desmandava, mandava mata, mandava bate, zi cumpriende si fiá. Pra se redimir o grande senhor mandou lá pro Congo, lá petó aprendeu as artes

da feitiçaria, aprendeu também a arte de “entregar” os companheiros, entendeu zi fiá, era assim pro petó se livrar, ele entregava os outros da popia tribo e outros, mas um dia eu cai na rede, cai na rede que eu mesmo criei. Foi e recebeu outra missão que era necessário trabaiá pra o bem dos outros, como trabaiá aliviando as dores(pausa). Oh, petó não cuia, para cuiar tem que te merecimento, mas o petó tem que aliviar a dor da alma, isso petó faz, e ze por isso que aqui o petó chega. E quando esse aparelho chega ze acá pra Umbanda foi a oportunidade ze acá de volta pa perto dele de novo, quem comanda o petó é Oxalá, o petó tem essa missão assim de fazer a caridade (Pai João do Congo)

Assim, perdão a quem te fez mal e a caridade, são elementos cruciais na transformação da situação de escravo para Preto Velho.

Também considero importante aqui mencionar que, constantemente, as entidades fazem referência a outras terras, ou a Aruanda que trata-se do mundo dos mortos ou à países africanos. Esta referência à África é constantemente reforçada nos pontos cantados e tocados dentro das terreiras. Selecionei os pontos relacionados às entidades com as quais conversei para demonstrar como as narrativas apresentam a ancestralidade africana:

Arriou na linha de Congo

É congo, é congo

Quem trabalha na linha do Congo

Agora que quero ver

O ponto relacionado ao pai Joaquim é assim:

Pai Joaquim ê ê, Pai Joaquim ê ê

Pai Joaquim, que vem de Angola

Pai Joaquim de Angola, Angola

Tia Maria se apresenta quando tocado o ponto para pretas velhas, que diz:

Vovó tem sete saias

Na última saia tem mironga

vovó vem da Bahia

pra salvar filho de umbanda

com seu patuá e figa de guine vovó

vem de Aruanda pra salvar filho de fé

Vó Maria, ao fazer suas benzeduras, entoava um ponto de Pretos velhos que diz assim:

Vovó não quer casca de coco no terreiro

Vovó não quer casca de coco no terreiro

Para não lembrar do tempo do cativo

Para não lembrar do tempo do cativo

Narrativas de escravidão são também, constantemente, entoadas nos pontos cantados.

Destaco que no término de uma entrevista, João Carlos retorna muito emocionado pois até o início da entrevista não sabia que sua entidade chegaria. Segundo o Preto Velho, ele fez questão de descer e falar de sua caminhada. Já Pai João do Congo se despediu mansamente e o médium Marcos Vinício pediu para ouvir a entrevista e com olhos fechados chorou e comentou que essa era a primeira vez que ele ouvia a voz do seu Preto Velho.

Por fim, gostaria de ressaltar aqui uma questão que considero crucial, trata-se do tempo, o tempo histórico e o tempo mítico e, de como se dão essas relações com

as entidades que viveram no passado, mas que de alguma maneira nunca saíram de nosso meio, pois vivem na memória coletiva de muitas pessoas, sendo essa história contada pela oralidade nas religiões de matriz africana, pelas narrativas, e pontos cantados.

Podemos então, pensar as entidades de pretas e pretos velhos, através de uma noção de tempo diferente da qual estamos habituadas/os, pois se baseia na crença da reencarnação. É dentro desse contexto, de tempo e espaço, que o autor Reginaldo Prandi (2005, p.19-20) comenta:

Diferentes sociedades e culturas têm concepções próprias do tempo(...) Em sociedades de culturas míticas, também chamadas sem-história, que não conhecem a escrita, o tempo é circular e acredita-se que a vida é uma eterna repetição do que já aconteceu num passado remoto narrado pelo mito. As religiões afro-brasileiras, constituídas a partir de tradições africanas trazidas pelos escravos, cultivam até hoje uma noção de tempo que é diferente do “nosso” tempo, o tempo do ocidente e do capitalismo. A noção de tempo, por se ligar à noção de vida e morte e às concepções sobre o mundo em que vivemos e o outro mundo, é essencial na constituição da religião.

Confesso que foi difícil para mim, mulher e negra, ouvir as narrativas da Preta e Pretos Velhos, pois o preconceito ainda hoje, está aqui. Compreendo que os fatos contados sobre a escravidão não abrangem a um todo, pois a escravidão possuiu diferentes facetas. A fala do povo negro sofreu muitas tentativas de silenciamentos e ainda sofre. O ouvir e o vivenciar o compartilhar dessas narrativas dentro das casas de religião me mostraram que falar da escravidão e sobre os negros nos terreiros trata-se de uma forma de resistência.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho tento apresentar narrativas das entidades da Umbanda conhecidas como pretos e pretas velhas, relacionadas com o negro escravo do passado, assim como suas práticas de benzedura e caridade e lições de luta e resistência. Essa pesquisa se deu na cidade de Pelotas(RS) uma cidade marcada pela escravidão no passado e pela invisibilidade das comunidades negras e das casas de religiões africanas na história oficial sobre o presente. Posso dizer que esse tema me acompanhou desde a entrada do curso de Bacharelado em Antropologia e se fortaleceu conforme o aprofundamento das discussões propostas pelas disciplinas e projetos de extensão. O Curso contribuiu de forma significativa para me direcionar o olhar para esse trabalho.

Através de etnografias nos locais selecionados, onde exercitei a observação participante e deixei fluir entrevistas, nessas idas a campo, a partir desses diálogos com essas entidades, percebi que os Pretos velhos, assim como as mães velhas, são corpos que se vestem e continuam contando histórias. A complexidade da Umbanda vem de uma cultura que se compreende milenar, o sagrado tem o significado de respeito, vinculado à reencarnação, ao perdão e à caridade. A relação entre brancas/os e negras/os é constantemente (re)significada entre diversos passados e presentes. A repetição e o reforço das narrativas quanto ao sofrimento, luta, o amor, entre outros elementos já mencionados, apresentam-se enquanto uma resistência e valorização das narrativas da história das comunidades negras no Brasil. Por consideração aos médiuns, optei por não trabalhar com fotografias, pois a abordagem desta pesquisa foi usar as narrativas.

A vida me deu oportunidades de me questionar constantemente, neste trabalho não foi diferente, tive o cuidado com as palavras pois reconheço a grandiosidade de seu poder transformador. Que a oralidade de minha família e de meus antepassados aqui se transforme em escrita. E assim vou caminhando e sendo cuidada por aqueles que vieram antes e pedindo sempre sabedoria para o futuro que me espera. No momento estamos vivenciando grandes retrocessos em quase todas as áreas em nosso país. Não é diferente quanto à religiosidade afro

brasileira. É marcante a intolerância e a negação de alteridades. Por isso, resolvi encerrar este trabalho apresentando o samba enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti, vice-campeã do Carnaval carioca de 2018. A escola de samba levou para a avenida sua narrativa sobre a escravidão do povo negro e a presença de pretas e pretos velhos na construção de memórias do povo negro.

Irmão de olho claro ou da Guiné

Qual será o valor, Pobre artigo de mercado

Senhor eu não tenho a sua fé,

e nem tenho sua cor

Tenho sangue avermelhado

O mesmo que escorre da ferida

Mostra que a vida se lamenta por nós dois

Mas falta em seu peito um coração

Ao me dar escravidão e um prato de feijão com arroz

Eu fui mandinga, cambinda, haussá

Fui um rei egbá, preso na corrente

Sofri nos braços de um capataz

Morri nos canaviais onde se planta gente

Ê calunga! Ê ê calunga!

Preto Velho me contou, Preto Velho me contou

Onde mora a senhora Liberdade

Não tem ferro, nem feitor

Amparo do rosário ao negro Bendito

Um grito feito pele de tambor
Deu no noticiário, com lágrimas escrito
Um rito, uma luta, um homem de cor
E assim, quando a lei foi assinada
Uma lua atordoada assistiu fogos no céu
Áurea feito o ouro da bandeira
Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel
Meu Deus! Meu Deus!
Se eu não chorar não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social
Não sou escravo de nenhum senhor
Meu Paraíso é meu bastião
Meu Tuiuti, o quilombo da favela
É sentinela da libertação

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AL-ALAM, Caiuá. **A negra força da Princesa: Polícia, Pena de morte e correlação em Pelotas (1830-1857)**. Pelotas: Edição do autor. Sebo Icária,2008.

ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: Camen Burget Schiavon, Sandra de Cássia Pelegrini. (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, v., p. 131-147.

ANDRADE, Julia; PISTORELLO, Daniela; CASTANEDA, Luzia. Produção da Memória e o patrimônio cultural: apontamentos a partir de um terreiro de Umbanda. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**. São Paulo,2011.

BORCHARDT, Juliani; COLVERO, Ronaldo Bernardino. Os Benzedores de São Miguel das Missões – RS: Aspectos de Memória e Identidade. **Estudios Historicos** – CDHRPyB- Año V - Diciembre 2013 - Nº 11 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay.

CASCUDO, Luís da Câmara. Notas sobre o Catimbó. **Novos Estudos Afro brasileiros**. Recife; FUNDAJ, ED. Massangana,1988.

CUNHA JORGE, Érica Ferreira da. É no corpo que o santo baixa! Considerações sobre o corpo nos transes religiosos afro-brasileiros. **Identidade!** V. 18, n. 1, p. 122-132, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. Santa Maria: UFSM (Dissertação de Mestrado), 2010.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a Observação Participante. In: GUIMARAES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando Mascaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1980.

GUTIERREZ, J. B. Ester. **Negros, Charqueadas e Olarias**: Um Estudo sobre o espaço pelotense. 3 ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

KOSBY, Marília Floôr. **Nós Cultuamos Todas as Doçuras**: As Religiões De Matriz Africana e a Tradição Doceira de Pelotas. Porto Alegre: Após Coup-Escola de Poesia, 2015

MAESTRI, Mário José. **O Escravo no Rio Grande do Sul**: Trabalho, Resistência, Sociedade. Porto ALEGRE: UFRGS, 2006.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, Marco Antônio Írio de. **Reviras, Batuques e Carnavais**. A cultura de Resistência dos Escravos em Pelotas. Pelotas, UFPel, Editora Universitária, 1994.

MERCANTE, Marcelo Simão. Ecletismo, caridade e cura na Barquinha da Madrinha Chica. **Humanitas**, v. 18, n. 2, p. 47-60, 2002.

MONTEIRO, Paula. **Da Doença à Desordem**: a magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, ano 24, nº 2, 2002.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados**: Orixás na alma brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Marta Bonow. **“A vida é um jogo para quem tem ancas”**: uma arqueologia documental de mulheres escravas domésticas em Pelotas | RS no século XIX, Dissertação de Mestrado, 2015.

SANTOS, Eufrázia Cristina. **O Preto Velho na Umbanda**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campina. Debates do NER, Porto Alegre, Ano II, n.17, 2010.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 2012. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, Ed., 2008. Capítulo 9: Observando o Familiar.